

FAMILIA COSTELLA

Luiz Costella veio ao Brasil como único filho, sem nenhum outro parente de sobrenome Costella além dos filhos.

Casado com Teresa **Rosset**, ambos procedentes de Vicenza – Itália, estabeleceram-se na localidade de Dona Isabel e depois em Alfredo Chaves, atual Veranópolis.

Junto com o casal Luiz Costella e Teresa Rosset vieram oito filhos. No Brasil, nasceu mais a Angelina.

Antônio, o filho mais velho, chegou nesta nova pátria com 15 anos. Casou-se com Teresa Matiello, filha de Santo Matiello e Catarina Menegon. Após o matrimônio, transferiram-se para Linha Emília – Dois Lajeados – RS, e em 1931, mudaram-se para Linha 10 – Serafina Correa, onde mais tarde faleceram.

O casal Antônio e Teresa teve 16 filhos, entre os quais Angelina Costella, que se casou com Giacomino Turra.

Aurélio (Frei Irineu Costella) é o único dos filhos que optou pela vida de religioso consagrado.

FAMILIA LUIZ COSTELLA E TERESA ROSSET NO CONTEXTO EMIGRATÓRIO

1. **A Família COSTELLA** pertence à corrente migratória consequente do acordo firmado entre o Governo Italiano e o Governo Brasileiro, e que se fez mais intensa no último quartel do século XIX. Nisto tiveram proveito ambos os governos. A Itália, nesta época, era superpovoada e havia situações de miséria, sobretudo na alta Itália, onde predominava a cultura agrária. O crescente número de famílias já não podiam conseguir sua modesta propriedade e sustentar-se, honestamente, vivendo em condições de trabalho escravo ou mal remunerado. Isto dava origem a descontentamento e mal-estar, sobretudo entre os mais humildes.

O Governo Brasileiro necessitava de mão-de-obra voluntária para substituir a mão-de-obra escrava, que havia desaparecido pela abolição das escravaturas (1850). Ao mesmo tempo, desejava ocupar áreas baldias e ainda inexploradas. Para isto, nada melhor que valer-se do espírito pioneiro dos que vinham dispostos a ter uma propriedade para si e seus descendentes, onde pudessem plantar e colher frutos de seu trabalho (Costa e outros, 1975, p. 14-16).

2. Procedências e Causas

A emigração deu-se em toda a Itália, nesta época, mas foi mais intensa no norte da Itália. As cidades mais importantes desta região são: Veneza, Treviso, Pádua, Rovigo, Vicenza, Verona, Bassano e Beluno. Mas não eram poucos os que provinham das regiões vizinhas do Vêneto: Trentino, Lombardia e Piemonte.

Nessas regiões, o problema socioeconômico se tornava sempre mais agudo, em vista do domínio crescente dos "padroni" os donos das propriedades agrárias e da dependência sempre maior dos "contadini", os camponeses sem terra. Estes, plantando em terras que não lhes pertenciam, colhiam em regime de "meia", isto é, 50% revertiam para o arrendatário, que devia carrear uma percentagem ao dono das glebas. Estes autênticos latifundiários residiam nos centros urbanos, sem se preocupar com a situação de uns e outros, uma vez que recebiam anualmente um bom lucro.

Acresce mais os juros e tributos devidos ao governo local e outros (Bordignon, 1975; p.22).

Esta situação é comparável à dos engenhos de cana-de-açúcar no nordeste da "casa grande", não apenas para a mão-de-obra, mas até no abastecimento doméstico. O fenômeno é ainda comparável às situações existentes ainda nas décadas 80 a 90, nas fazendas do interior dos estados do sul e, mesmo, nos canaviais e cafezais do estado paulista e a dos boias-frias. A diferença é que estes mudam de patrão a cada novo contrato ou nova oportunidade que surge, sem nunca nada terem de certo e, muito menos, a certeza de terra ou moradia própria.

A Itália tornara-se, nesta época, uma ama seca, sem condições de alimentar, satisfatoriamente, seus numerosos filhos. Os honestos trabalhadores foram colocados face a um dilema: "emigrare o robare": ou emigrar ou roubar (Scalabrini, 1979). Mas o senso religioso e moral daquelas humildes pessoas os levou a decidir-se pela primeira opção.

Não se excluem da decisão outras razões, como: a liberdade econômica e o desejo inato da propriedade e da segurança social e familiar, como de ocorrências lógicas. Cabe recordar que, por um lado se tratava de um país estranho de futuro incerto, por outro lado subjacente a ideia do "eldorado" ou da terra da "cucagna": da fortuna. Sugere bem esta última colocação a obra "nanetto pipetta", quando o protagonista em seus devaneios sobre sua próxima ida à América, canta:

E viva la Mérica,
Ze grande cucagna
Se beve e se magna
e liegri si stá (Bernardi, 1975, p. 24).

Viva a America que é uma grande fortuna, lá se bebe e se come e se vive alegremente.

Mas, não obstante às motivações, positivas umas e negativas outras, tratava-se sempre de uma decisão heroica, considerada a índole afetiva e emotiva dos imigrantes peninsulares.

Certamente as grossas lágrimas, os nós de garganta, os acenos calorosos e melancólicos, os "adio" e os "arrivederci", adeus e até lá, entre cortados soluços faziam parte das cenas de despedida, cujo pano de fundo era o oceano infundo e sobre ele o moroso transatlântico, que os levaria ao novo e misterioso cenário agreste e inculto. Cenário a exigir de todo o suor e lágrimas até se transformar em nova e definitiva pátria, criada com coragem e perseverança. Compreende-se, assim, os "crepacuore" dor de coração, tanto dos que partiam como dos que ficavam.

Não falemos nos que pereceram na travessia, sepultados em águas sem dono, sem deixar a lembrança visível de uma modesta cruz de lenha, ou uma grinalda de sargaços e algas marinhas. Mas deixaram, certamente, marcas profundas que seguiam a viagem e viviam a epopeia heroica ainda sem nome e sem gratificação humana.

3. Rota do Imigrante

Não se pretende fornecer o roteiro seguido em cada imigração entre a Itália e o Brasil. Com base em alguns depoimentos e documentos, concluímos pelo roteiro mais comum, na época em apreço. Pelos relatos do livro "La Mérica" compilado por Luiz A. Deboni, baseados, sobretudo, no depoimento de Toniazzo Luigi e na carta do imigrado Paulo Rossatto, chega-se às seguintes conclusões: (De Boni, 1977, p.9 sgs e 29 sgs).

O percurso entre as localidades do interior até o centro urbano era feito por carroças puxadas a mulas ou outro meio de tração animal. Do centro urbano de cada cidade ao ponto seguinte (para a região Vêneta) era Milão, capital industrial Italiana, este percurso, vinha feito geralmente de trem. Chegados a Milão, outro trem levava até Gênova, que por sua posição geográfica, era o ponto de embarque de todos os navios que demandavam à América do Sul. Em confirmação vem a canção popular Italiano sobre o naufrágio ocorrido com o "Sirio" que nos diz em seus primeiros versos:

"Quando da Gênova il Sirio partiva
Per la Mérica, ul suo destino...."

Isto é: quando o Sirio partia de Gênova para a América, o estribilho repete "Sirio, Sirio, la misera squadra, per molta gente, la misera fin".

Sirio Sirio, embarcação lamentável. Para muita gente foi um miserável fim.

Saindo do porto de Gênova, quando houvesse carregamento humano ou de outros fretes, o navio descia até Nápoles. Passando depois, perto da Sardenha, seguia a rota que levava ao porto espanhol de Barcelona. Quando não havia necessidade de descer ao sul da Itália, a embarcação seguia para Barcelona, encurtando consideravelmente a viagem. Em Barcelona, sempre havia carregamentos vista a importância deste porto internacional, o último antes de deixar o continente europeu.

O rumo agora era pelo estreito de Gibraltar que divide a Espanha da África. Era uma passagem temida, dada a íngreme topografia que separa o rochedo das rotas do navio e pelo estrondo aterrador das ondas pelo encontro das duas rochas laterais. Uma vez passado este canal natural o navio se jogava com destino ao Porto de São Vicente, passando não muito longe das Ilhas Canárias. O Porto de São Vicente te, situado na ilha do mesmo nome, pertence ao Cabo Verde, era um ponto de parada obrigatória para reabastecer os navios de carvão para o restante da viagem, uma vez que agora viria o maior lance de oceano até atingir terras brasileiras.

Daqui para diante o panorama para o passageiro tornava-se monótono, uma vez que a paisagem seria por diversos dias, invariavelmente: água e céu, céu e água. O que variava para mais intenso era o calor que se torna insuportável quando da passagem pelos trópicos. A primeira terra a ser avistada é a ilha de Fernando de Noronha, já próximo a costa brasileira. A embarcação seguirá o caminho de São Salvador da Bahia, como foi o caso do Toniazzo, quando do houve o descarregamento de uma carga avaliada por ele em 83,6 toneladas destinada a um monumento à libertação do Brasil, após a morte de Dom Pedro II (De Boni, 1977, p.21). Mas o que marca propriamente o Brasil é propriamente o Porto da Guanabara, do Rio de Janeiro. Aqui o transatlântico dava por encerrada sua missão, ficando a distribuição dos recém-chegados por conta de navios de menor calado. O Rio era também, o ponto de pouso e os imigrantes eram recolhidos nos barracões situados nas ilhas próximas ao porto, como a Ilha das Flores, Ilha do Galo e outras. Quando, porém, as condições climáticas eram desfavoráveis, os recém-chegados eram levados, via férrea, até Pinheiros, a considerável distância da cidade e alojados num barracão com capacidade para 1.500 pessoas sentadas, nos afirma Toniazzo (apud De Boni, 1977, p.24). Nesse caso a demora era maior e também havia escassez de comida a ponto de muitos passarem fome.

4. Número de Passageiros.

Os navios que cumpriam rotas internacionais eram de apreciável capacidade por serem de fundo calado. Mas, em se tratando de carga humana havia abuso e exagero quanto ao número de pessoas. Assim, Toniazzo |Luigi (1977), fala do navio "Andrea Dórias" em que ela atravessou o Atlântico, como sendo superlotado, com aperto de passageiros e falta de higiene, havendo umas trezentas pessoas que dormiam sobre pavimento nu e outras, em acomodações, que chamou de "camas para cães". O "Andrea Dórias" saiu de Nápoles com 1.500 passageiros. Chegando em Barcelona, embarcaram mais 200 espanhóis, num total, portanto, de 1.700 viajantes, sem contar a tripulação e pessoas de outras classes, pois os citados eram todos da 3ª classe. Em sua carta Paulo Rossato (1977) nos relata que o vapor "Scrivia" em que ele veio ao Brasil, saiu de Gênova com 1.590 passageiros. Não falou de outros embarques, mas é bem possível que o total passasse este número. Alessandro Broetto nos fala dos 1.500 imigrantes do "Colúmbia".

5. A distribuição em território brasileiro.

Chegados ao Rio de Janeiro e havendo condições de transporte, os imigrantes eram embarcados, após a revista individual e a respectiva chamada, em navios menores, chamados corvetas. Daí seguem ao Estado do seu destino. Houve imigrantes que foram enviados ao Espírito Santo (Vitórias), São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A partir de 1886, a maior parte dos imigrantes italianos eram destinados ao Rio Grande do Sul.

O navio brasileiro que levou a família Toniazzo ao Rio Grande do Sul foi o "desterro" (De Boni, 1977, p. 25). Segundo pesquisa efetuada no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Códice 193, Mapa Estatístico dos Imigrantes - onde consta a data de saída do Rio de Janeiro, data da chegada na Província e data de saída para as respectivas colônias - encontra-se quanto segue sobre a família Costella Luigi (no original manuscrito Castella, em vez de Costella).

Saíram do Rio de Janeiro no parquete "Rio Grande" 488 emigrantes com destino ao Rio Grande do Sul, na data de 05/01/1888. Data da chegada à Província foi 13/01/1888. Seguiram à Colônia Dona Isabel (Bento Gonçalves atual) e outras colônias em 15 de janeiro.

Destes 488, 2 espanhóis e 1 austríaco ficaram em Porto Alegre; 29 italianos dirigiram-se a Conde D'Eu (atual Garibaldi); 41 italianos foram enviados a Silveira Martins; 88 italianos seguiram para Caxias do Sul. Os restantes 327 foram destinados a Dona Isabel (Bento Gonçalves).

Nome de famílias (omitimos os indivíduos) constantes nesta relação.

Conde D'Eu: Salvatore, Dallagnese, Polés, Tonon, Salvatore.

Silveira Martins: Parizzi, Bellinazzo, Leonardi, Guerra, Lorenzi, Stefani, Rovalo e Piccolo.

Caxias do Sul: Bresolin, Chiarello, Baldo, Bruzamarello, Soligro, Vedana, Bordin, Lazzaretti, Da Riva, Strabucha, Bellé e Ligotto.

Dona Isabel: Mazaro, Tratin, Guerra, Pellizer, Giordani, Christin, Pitol, Palludo, Sarmaziotto, Bianchini, Bortoli (Davi e Catarina), Artico, Di Giacobbo, Trevisan, Ferla, Cella, Lazzarotto (Vitório) Zanesto, Bentivoglio, Franzini, Ricardi, Bortoncello, Zandoni, Testa, Bressan, Costa Curta, Perin, Pressotto, Zanchetin, Tomazien, Castelan, Rasserá, Urbanetto, Cavasone, Pizanetto, Giacomini, Bertolini, Testa, Battistuzzi, Magro, Meneghetti, Pilonetto, (Domênico), Bellé, Pértile, Cappelazzi, Ormizoli, Vicentin, Mistura, Lazzaretto, Ghelenm Guerra e Costella.

Quanto a família Costella, também com destino a Dona Isabel, vem assim descrita no documento citado: Castella Luigi (Costella) – 37 anos, casado. Thereza – 37 anos (casada). Seguiram depois os filhos: Antônio (15 anos), Santo (14 anos, está escrito Santa), Giovanni (12), Lúcia (10), Fáusta (8), Maria (5), Giuseppe (4), Vittório (1) (Mapa Estatístico dos Imigrantes, Códice 193, p. 11. Porto Alegre. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Rua André Puente, 318).

Como se observa, o Giuseppe (José) deve ter falecido jovem, pois não consta em nenhum outro lugar e bem figura na árvore genealógica. Por outro lado, Vittorio é o mais novo da lista, contando então com 1 ano. Com base neste documento fidedigno nos cientificamos que ele nasceu na Itália e não no Brasil, como era convicção geral da família e dos descendentes. Deve-se também fazer alteração na sua data de nascimento: em vez de 1890, como consta de documentos, será 1886 e, provavelmente, no mês de agosto. Sendo que seu falecimento ocorreu aos 28 de setembro de 1955, ele tinha 69 anos ao morrer.

Conclui-se mais, que a única filha do casal, nascida no Brasil foi a Angelina, uma vez que não consta na relação, antes referida. Angelina foi também a última a falecer em 1978, com quase 88 anos.

6. Tempo empregado na viagem

Tratando-se de um percurso tão longo, não se pode fixar um tempo regular empregado pelos navios dos imigrantes. Assim, referindo-se à

viagem nos descreve o Toniazzo Luigi (apud De Boni, 1977), ocorrida em 1893; encontra-se que ele saiu de Gênova aos 3 de abril e chegou ao Rio de Janeiro aos 3 de maio, numa duração de 30 dias. Se levamos em consideração os dias de espera para embarque, os dias de espera no Rio de Janeiro e mais 8 dias para chegar ao Rio Grande do Sul, vamos bem mais longe.

Paulo Rossato (Apud De Boni, 1977, p. 29) partiu aos 22/11/1883, aportando no Rio a 15/12 e no Rio Grande aos 22/12. Sua demora foi de 30 dias.

Por seu lado, Alessandro Broetto nos fala de sua saída de Gênova aos 20/09/1876, chegando ao porto do Rio de Janeiro após 36 dias de viagem (De Boni, 1977, p. 96 – 97).

- Do exposto dê-se que espelha bastante a realidade a canção do imigrante italiano que diz:

“Dell’Itália noi siamo partirti,

Siamos partiti com grande onore.

Trentasei giorni di machina e vapore

Ed in Mérica noi siamo arrivá”

Partimos da Itália honradamente. Depois de trinta e seis dias de navio, chegamos na América.

7. A nova Pátria Alfredo Chaves (Veranópolis)

O destino da família Costella Luigi, foi Dona Isabel. Como chegaram lá? – Do Rio Grande a Porto Alegre seguia com uma embarcação menor através do Jacuí até São Sebastião do Caí. Daí até o local de destino entrava em jogo a carroça ou cargueiro... A segunda etapa, ainda por via fluvial, era São João de Montenegro.

Crê-se que a demora da família Costella em Dona Isabel, como nas demais designadas para Alfredo Chaves, foi pouca. De Dona Isabel deveriam chegar ao Rio das Antas e atravessá-lo de balsa para, então, subir a encosta até chegar no planalto médio onde se situa hoje, Veranópolis.

O município está situado na encosta da Serra Geral, a uma altitude de 850 metros. É bastante montanhoso nas encostas que ladeiam os rios maiores como o Antas e o Prata. Mas, vem irrigado por numerosos rios menores. Já foi uma região rica em madeiras d lei (angico, louro, ipê, canjerana, cabriúva, açoita-cavalo, cedro, branquilha, guatambu, e muitas outras).

O clima é temperado, muito agradável e sobretudo na primavera e no verão, razão porque Veranópolis foi cognominada “Capital da Saúde” e da “longevidade”. Os primeiros colonos italianos se estabeleceram em Alfredo Chaves em 1884, dando início a fundação da colônia, por ordem do Governo Imperial, representado ali, pelo engenheiro Dr. Júlio da Silva

Oliveira (Dicionário Histórico Geográfico e Estatístico do município de Alfredo Chaves, 1923, p. 7.329).

O local onde se encontra, hoje, a cidade, era designado por Colônia Reúna. Foi no ano de 1898 aos 15 de janeiro (dez anos depois da chegada do Luis Costella), que Alfredo Chaves passou a categoria de município autônomo, sendo desmembrado de Lagoa Vermelha, de quem formava até então o 2º distrito. Foi seu organizador o Tenente Coronel Albano Coelho de Souza, que

Foi o primeiro Intendente.

Merece destaque outra administração que se seguiu, a do capitão Pelegrino Guzzo. Marcante e progressista foi também a administração do Coronel Aquiles Taurino de Resende, que foi eleito em 1910 e reeleito para o mesmo cargo em 1914 e em 1918.

Ao ano em que se escreveu o "Dicionário Histórico, Geográfico e Estatístico de Alfredo Chaves" contendo também o "Indicador Comercial e Profissional" em 1923, o município contava apenas 25 anos de existência.

Este precioso documento nos relata que:

- I) No setor de instrução funcionavam 70 escolas, mantidas pelo governo estadual e pela Intendência. Isto sem contar com as escolas particulares, como as mantidas pelos irmãos maristas, pelos padres capuchinhos e pelas irmãs de São José.
- II) No setor religioso, o município achava-se dividido em 6 paróquias, uma em cada sede do distrito de que então se compunha. Na sede do primeiro distrito, cujo padroeiro é São Luiz Gonzaga a igreja matriz é dirigida pelos padres capuchinhos, sendo seu vigário Frei José de Bento Gonçalves.
- III) No setor de comunicações, existia, na sede, telefone, teleférico e agência de correio. No transporte para qualquer dos municípios limítrofes eram empregados carros, diligências e automóveis, havendo comunicação diária para estes lugares. Assim, viajando de carro de Alfredo Chaves a Bento Gonçalves, cobrava-se 20\$000 (vinte mil reis) por pessoa incluindo o transporte da bagagem.
- IV) No setor profissional, o indicador enumera as seguintes profissões: Advogados (5), Agrimensor (3), Alfaiatarias (22), Açougues (6), Agências Comerciais (4), Armarinho (1), Alambiques (24), Atafonas (2), Barbearias (7), Botequins (65) Carpintarias (12), Curtumes (16), Consultórios Médicos (6), Cafés, Restaurantes e Biliars (4), Cinema (1), Lojas de Calçados (4), Dentistas (3), depósitos de Ferro (3), Estabelecimentos Bancários (3) – Banco Pelotense, Banco da Província do Rio Grande do Sul e Banco Nacional do Comércio – empreiteiros Construtores (2).

V) Fábricas: de cerveja (3), de Gazosa (3) de Louça de Barro (1), De Velas (1), de licores, chapéus de palha, tranças, nubian, álcool, etc. (1) – de metros, estojos escolares, torneiras etc. (1) – de foguetes e fogos artificiais (1) – de móveis 3 – de cellins e artigos de montaria (6) – de chapéus e gravatas (1) – de sabão (1) – de presuntos, ossocolles, pancetas defumadas, mortadelas, conservas, etc. (2) – de presuntos e salames (3) - de queijos e manteiga (13) – de carros e carretas (13) – funilarias (9) – ferrarias (28) – hotéis (14) – livrarias (2) – lombilharias (5) – marcenarias (6) – moinhos (54) – negócios (ferragens, fazendas, secos e molhados) (68) – Entre as pessoas que possuíam negócios vem citado Vitório Costella – oficinas metalúrgicas (2) – oficinas de esculturas em mármore (1) – oficinas mecânicas (5) – olarias (5) – fotografias (5) – padarias (2) – farmácias (9) – farmacêuticos (4) – relojarias e ourivesarias (5) –sapatarias (23) – serrarias (49) – selarias (13) – tipografia (2) – torrefação de café (2)

VI) Setor iluminação. Nesta época o município explorava 9 quedas naturais nos diversos rios e arroios para fornecer força e luz para a vila (sede) sobretudo para o setor industrial. O total de HP então fornecidos era de 423 HP. Havia mais duas quedas intermunicipais: a primeira no Rio da Prata, com 640 HP de energia e a do Rio Carreiro com 500 HP.

A vila era iluminada com estes recursos naturais, pagando os consumidores 2\$000 (dois mil reis) por lâmpada de 25 velas, ao mês e 5\$000 (cinco mil reis) por HP de energia fornecida a estabelecimentos industriais, podendo considerar-se a energia mais barata do Estado.

8. Divisão Administrativa.

Em 1923, o município de Alfredo Chaves estava dividido em 6 distritos: 1 - O 1º Distrito tendo como sede a Vila (cidade). 2 - Capoeiras (atual Nova Prata). 3 - Monte Vêneto (hoje Cotiporã). 4- Bela Vista (hoje Fagundes Varella). 5 – Nova Bassano)hoje município independente). 6 – Vista Alegre (hoje município de Nova Prata).

O mapa da época nos mostra a extensão territorial do então Alfredo Chaves, aparecendo com muita nitidez a divisão dos seis distritos e dos municípios limítrofes.

9. Origem do nome COSTELLA

I – Não é propósito realizar um estudo filológico do nome Costella, nem um estudo histórico para saber a procedência dos ancestrais que deram origem a tão numerosa estirpe. O objetivo é tornar conhecida esta família e suas ligações parentais ocorridas nos 90 anos de Brasil. Sabe-se que todas as famílias portadoras deste sobrenome, nos três estados

do sul, são procedentes do mesmo tronco Luis e Tereza. É isto que se demonstra no processo genealógico.

Luis Costella chegou ao Brasil como filho único, não trazendo consigo ao sul nem primos irmãos nem outro parente de igual sobrenome. Segundo informe de pessoas conhecedoras das famílias italianas o sobrenome Costella não é muito conhecido na Itália.

II – Outras famílias Costella

Como dissemos anteriormente, as famílias com este sobrenome nos três estados do sul, são originárias do mesmo tronco. Já em São Paulo, onde a colônia é também numerosa, descobriu-se através do guia telefônico a existência de famílias com este mesmo sobrenome.

Graças a um contato mantido com frei Silvério Costela, com estas pessoas, foram obtidos alguns dados ilustrativos:

- Estabelecida em Sumaré existe a família de Antônio Aroldo Costella, casado com Carmem Morrone. O casal tem 7 filhos. Antônio tem um irmão que também reside em São Paulo, com o nome de Antônio Fernando Costella. Deste conhecemos duas publicações: "O controle da Informação no Brasil" – Editora Vozes, 1970 e "Direito da Comunicação" Revista dos Tribunais – 1976.

Antônio Fernando, advogado, procurador da Prefeitura de São Paulo, Assistente da Reitoria da USP, professor de Ética e Legislação .

O pai de ambos é José Ferdinando Costella. Seus avós Batista Costella e Marina Pellison ingressaram no Brasil na imigração de 1887, provenientes de Treviso. Nota-se que esta imigração ocorreu na mesma época ou muito próxima da que trouxe o Luiz, uma vez que ele saia do Rio de Janeiro aos 05/01/1888.

Relata o Antônio Aroldo que seu bisavô era austríaco (De Cattai-Lickas). Lá era conhecido como FEY. Teria trocado este cognome para Costella ao passar para a Itália.

É tudo o que sabemos do nome Costella. Somente pesquisas posteriores poderiam fornecer elementos para precisar a origem do nome e das pessoas.

- Em Palmas – Paraná, - trabalhava um sacerdote da congregação e São Francisco Xavier, padre Domênico Costella. Professor de filosofia na Universidade Católica de Curitiba. Soube-se que ele é originário da Borgotaro Província de Parma – Itália. A fonte de informações destes últimos dados foi o Anuário Católico do Brasil de 1977.

Luiz Costella veio ao Brasil como único filho, sem nenhum outro parente de sobrenome Costella além dos filhos.

Casado com Teresa **Rosset**, ambos procedentes de Vicenza – Itália, estabeleceram-se na localidade de Dona Isabel e depois em Alfredo Chaves, atual Veranópolis.

Junto com o casal Luiz Costella e Teresa Rosset vieram oito filhos. No Brasil, nasceu mais a Angelina.

Antônio, o filho mais velho, chegou nesta nova pátria com 15 anos. Casou-se com Teresa Matiello, filha de Santo Matiello e Catarina Menegon. Após o matrimônio, transferiram-se para Linha Emília – Dois Lajeados – RS, e em 1931, mudaram-se para Linha 10 – Serafina Correa, onde mais tarde faleceram.

O casal Antônio e Teresa teve 16 filhos, entre os quais Angelina Costella, que se casou com Giácomo Turra.

Aurélio (Frei Irineu Costella) é o único dos filhos que optou pela vida de religioso consagrado.